

COMO O CURSO MENINA CIÊNCIA – CIÊNCIA MENINA PODE CONTRIBUIR NA PRÁTICA PROFISSIONAL DAS SUAS MONITORAS?

Ludmylla Ribeiro dos Santos ¹
Débora de Cássia Gomes Cruz ²
Maria Inês Ribas Rodrigues ³

RESUMO

O curso Menina Ciência - Ciência Menina, da Universidade Federal do ABC, teve sua primeira edição em 2019. É direcionado para meninas matriculadas nos anos finais do Ensino Fundamental, e tem como finalidade destacar o papel das mulheres nas diversas áreas da Ciência e contribuir para que as participantes possam sentir-se representadas, caminhando assim, para um ambiente científico com menos desigualdade de gênero. Para a realização do mesmo, além de uma equipe de pesquisadoras, o curso conta com a colaboração de monitoras, que são graduandas ou pós-graduandas, das mais diversas regiões do país, e que desempenham funções importantíssimas no curso. São elas que interagem diretamente com o público alvo do curso, constroem laços, intermediam o diálogo entre a organização e as meninas participantes, além de desenvolverem as atividades propostas durante o evento, como experimentos de baixo custo, assistem às palestras que são disponibilizadas e participam das rodas de conversas, de forma síncrona, via Google Meet. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar as concepções das monitoras que atuaram na 4ª edição, em 2022, no que tange o curso e busca destacar possíveis impactos nas suas carreiras profissionais. Para tanto, os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, via Google forms, que foi disponibilizado ao final do curso. E foram analisados por meio da Análise textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi. Das quarenta e duas monitoras que atuaram no curso, trinta e três responderam o formulário. Os resultados sinalizam impactos positivos do curso, tais como: reflexões sobre novas oportunidades, contribuição na prática profissional das monitoras, e motivação para que elas possam ocupar cada vez mais espaço no âmbito científico, que ainda é majoritariamente masculino.

Palavras-chave: Mulheres na Ciência, Igualdade de gênero, Ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

Apesar de avanços significativos nas últimas décadas, as mulheres continuam sub-representadas em áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM, abreviação do inglês “*Science, Technology, Engineering and Mathematics*”). Essa sub-representação das mulheres na ciência tem sido observada, principalmente, nos níveis

¹ Doutoranda do Curso em Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC-UFABC, ludmylla.ribeiro@ufabc.edu.br;

² Mestranda do Curso em Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC-UFABC, cassia.gomes@ufabc.edu.br;

³ Professora orientadora: Centro de Ciências Naturais e Humanas - Ensino de Física – da Universidade Federal do ABC - UFABC, mariaines.ribas@ufabc.edu.br.

acadêmicos e profissionais. Segundo Bargillolle e Goode (2001) isso ocorre porque elas ainda são minorias na Ciência em um contexto mundial, estão concentradas em áreas específicas de conhecimento, são maioria nos níveis iniciais da graduação, mas, nas conclusões dos cursos, acabam sendo minorias; e são invisibilizadas em cargos de níveis mais altos. Em relação aos dois últimos pontos, Naideka et. al (2020) destacam que as mulheres representam a maioria dos discentes nos cursos de Graduação e Pós-graduação, entretanto, os números vão diminuindo à medida que ocupam carreiras científicas e cargos de chefia nas universidades, por exemplo.

Infelizmente, as mulheres ainda sofrem preconceitos em relação a sua capacidade intelectual em fazer Ciência, “sendo vistas como secundárias na produção científica, o que pode levar a sérios equívocos e pensamentos inverídicos sobre o papel delas nesse contexto” (ROQUE, 2022, p. 46). Ao analisar e estudar a História da Ciência, considerando todos os contextos, em níveis globais ou nacionais, é possível perceber “que as mulheres foram relegadas ao segundo plano por muito tempo, o que inviabilizou sua participação nas carreiras científicas e ocasionou uma carência de figuras femininas que servissem de referência para as gerações futuras” (VIOLIN, et. al, 2021, p. 442).

Assim, se faz necessário a implementação de ações que incentivem a inserção das mulheres na Ciência, para que estas possam conviver num ambiente acolhedor. (TABAK, 2002). É preciso “difundir a ideia de que a ciência é um empreendimento humano levado a cabo por mulheres e homens cientistas e de que a relação entre Ciência e masculinidade é uma ‘verdade’ a ser revista” (PORRO; ARANGO, 2011).

Diante da urgência da equidade de gênero na Ciência, muitos projetos estão sendo desenvolvidos com o objetivo de aproximar e incentivar meninas estudantes da Educação Básica a seguirem carreiras científicas. Nesse sentido, foi criado em 2019, pelo Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) da Universidade Federal do ABC (UFABC) o Curso Menina Ciência – Ciência menina (MCCM), evento gratuito destinado às meninas em fase escolar e professoras(es) da educação básica.

Tal proposta tem como principal objetivo mostrar o papel de uma mulher cientista em diferentes áreas de atuação, ampliando os horizontes de meninas, cursando os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e humanizando a figura de cientistas. Assim, de acordo com a coordenadora do curso MCCM, espera-se “em longo prazo contribuir para amenizar o paradigma de gênero presente na Ciência, de forma a promover a equidade para uma sociedade melhor” (RODRIGUES, 2022, p. 30). O Quadro 1 apresenta um breve resumo do curso, desde a sua primeira edição até a edição de 2022:

Quadro 1 - Breve descrição do curso Menina Ciência - Ciência Menina.

Sobre o curso	Nº de vagas	Nº de inscrições
<i>1ª edição - 2019:</i> Foi realizado presencialmente na UFABC, campus Santo André – SP, onde as meninas participaram de palestras de cientistas das mais diversas áreas e também realizaram atividades práticas nos laboratórios da universidade.	50 vagas	2169 inscrições
<i>2ª edição - 2020:</i> Realizado em 2020 de forma on-line, por causa da pandemia de COVID-19. Em decorrência disso, abriu-se vagas para estudantes meninas de todo o país. Atividades desenvolvidas pelas meninas: assistir as palestras gravadas e acessar os roteiros das atividades experimentais no site do projeto; realizar as atividades práticas em casa; enviar fotos/vídeos das atividades; participar dos encontros síncronos aos sábados, com duração média de 01h30min.	150 vagas	1755 inscrições
<i>3ª edição - 2021:</i> Ainda no formato virtual, nesta edição foi proposto também, além do curso para as meninas estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, o Curso de Formação para Professores do MCCM, destinado a professoras/es atuantes no Ensino Fundamental anos Finais, com o intuito de contribuir com a inserção de discussões voltadas para mulheres cientistas na prática docente para que as estudantes pudessem se sentir representadas na Ciência. Além disso, o curso teve uma parceria com a escola Blue Coat School, localizada na cidade de Oldham, Inglaterra. Assim, as meninas tiveram contato com os estudantes dessa escola por meio de um encontro síncrono.	150 vagas para meninas estudantes dos Anos finais do Ensino Fundamental; e 50 vagas para professores de Ciências.	3202 inscrições
<i>4ª edição - 2022:</i> Os cursos destinados às meninas e aos professores seguiu sendo realizado de forma on-line e manteve a mesma estrutura das edições anteriores.	150 vagas para meninas estudantes dos Anos finais do Ensino Fundamental; e 50 vagas para professores de Ciências.	1638 inscrições e 126 inscrições de professores de Ciências.

Fonte: Autoria própria.

A quarta edição do projeto MCCM aconteceu no período de 17 de setembro a 22 de outubro de 2022. Foram disponibilizadas quarenta e duas vagas para monitoras, das quais trinta e sete foram distribuídas em grupos para acompanhar as “meninas-ciência” e cinco atuaram junto ao Curso de Formação Continuada de Professoras(es) durante todo a duração do evento.

Para a realização do mesmo, além de uma equipe de pesquisadoras, o curso conta com a colaboração de monitoras, que são graduandas ou pós-graduandas, das mais diversas regiões do país, e que desempenham funções importantíssimas no curso. São elas que interagem diretamente com o público-alvo do curso, constroem laços, intermediam o diálogo entre a

organização e as meninas participantes, além de desenvolverem as atividades propostas durante o evento, como experimentos de baixo custo, assistem às palestras que são disponibilizadas e participam das rodas de conversas, de forma síncrona, via *Google Meet*.

Partindo desses pressupostos, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as concepções das monitoras que atuaram durante a 4ª edição, em 2022, do Curso Menina Ciência - Ciência Menina, em relação às contribuições do curso para a suas práticas profissionais. Assim, parte-se da seguinte indagação: *O curso MCCM atingiu as expectativas das monitoras? Como as atividades e discussões sobre mulheres na ciência poderão contribuir para a sua própria prática profissional?*

METODOLOGIA

A presente pesquisa coletou os dados a partir de quatro questões retiradas de um questionário online no *Google Forms*, previamente estruturado, apresentando quinze questões ao total. Esse formulário foi aplicado após o término do curso, com o objetivo de obter avaliações do curso MCCM sob a ótica das monitoras que acompanharam as cursistas, meninas matriculadas nos anos finais do Ensino Fundamental, que participaram do curso em 2022. A justificativa para a escolha das questões citadas anteriormente é que as três primeiras relacionam-se com o perfil das monitoras (grau de escolaridade, formação e Estado onde residem), e a quarta questão diz respeito às expectativas alcançadas após o término do curso e como essa experiência pode influenciar nas suas atuações enquanto profissionais.

Na edição de 2022, quarenta e duas meninas estudantes de cursos de graduação ou de pós-graduação atuaram como monitoras do Curso MCCM. No entanto, trinta e três responderam o formulário para esta pesquisa. Para manter o anonimato das participantes da pesquisa, as mesmas serão identificadas pela letra “M” e um número.

Assim, a presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, onde “o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p. 21). Além disso, também se caracteriza como um estudo de caso, “tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25).

Os dados coletados foram submetidos a uma análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (1977), busca a manifestação das mensagens e do seu conteúdo para destacar os indicadores que permitam identificar informações por trás de cada mensagem analisada.

Assim, os dados foram unitarizados e organizados a partir de categorias que emergiram durante a análise dos mesmos.

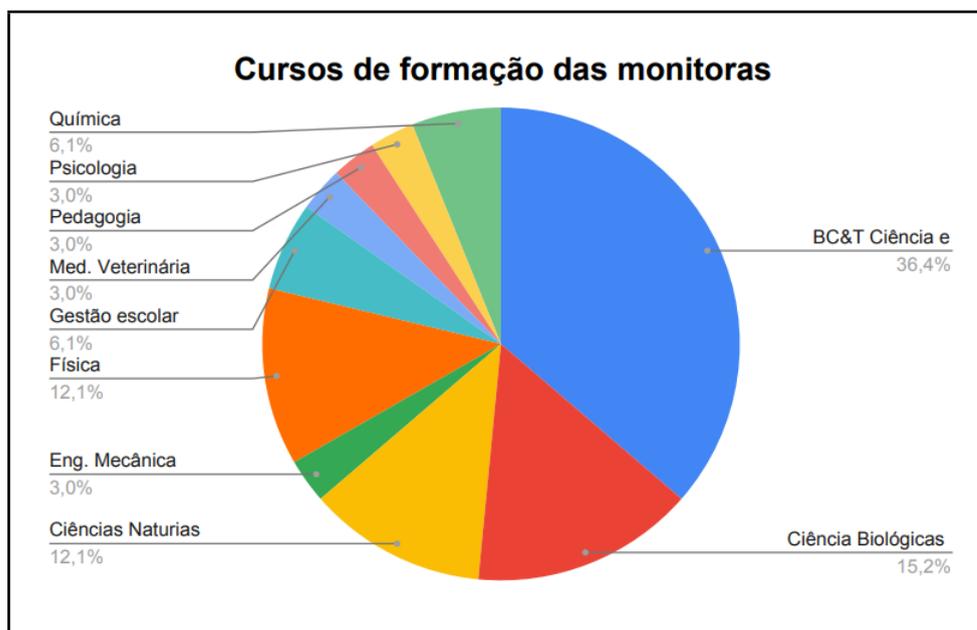
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção será dividida inicialmente com o delineamento do perfil das participantes desta pesquisa, seguindo-se com as categorias que emergiram.

Perfil das monitoras

No que tange o grau de formação das monitoras, a maioria são alunas de graduação, ou seja 84,8%, o que equivale a vinte e oito monitoras, e 15,2%, ou seja, cinco são alunas que já concluíram ou ainda estão na pós-graduação. No tocante ao curso nos quais as participantes deste estudo estavam matriculadas, a maioria são das áreas das Ciências Naturais e Exatas. Mas, também tiveram participantes que faziam cursos da área da saúde, como Psicologia e Medicina Veterinária. A distribuição das monitoras de acordo com as suas formações está representada no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Distribuição das monitoras de acordo com os cursos que estão matriculadas.



Fonte: Autoria própria.

Com o curso de forma virtual, foi possível atingir meninas nas mais diversas regiões do Brasil. Cerca de 75,6% (vinte e cinco monitoras) residiam no Estado de São Paulo,

especialmente na região da Grande ABC Paulista (cidades do entorno da UFABC); 10% (três monitoras) eram do Rio de Janeiro; 6% (duas monitoras) do Estado de Minas Gerais; e uma monitora do Espírito Santo, Amazonas e Pernambuco, representando 3% cada.

O Curso Menina Ciência - Ciência Menina: reflexões sobre novas oportunidades

Essa categoria emergiu diante de comentários relacionados às ações futuras e perspectivas positivas para as monitoras. Segundo a M1 o curso “*Auxiliou a perceber mais oportunidades e que o caminho pode ser bonito apesar dos desafios*”. Nesse caminho, M4 destaca que “*sim, fez eu ter certeza que estou no caminho certo e vislumbrar mais conquistas futuras*”. Essas duas falas são fortes, pois destacam que apesar dos obstáculos enfrentados por mulheres que tentam seguir carreiras científicas, é possível almejar o mundo da Ciência. Já M2 pontua que as suas expectativas foram superadas e que a motivou a pensar que ela também pode fazer descobertas na área dela:

“Com certeza, acredito que inclusive as superou. Além de me dar esperança para o futuro com mais mulheres na ciência (ao ver o quanto isso pareceu fazer bem para as meninas), pessoalmente renovou o interesse e a curiosidade em minhas próprias descobertas e área de estudo” (M2).

É interessante imaginar o Curso MCCM com contribuições para além do seu público-alvo, estudantes meninas e professores de Ciências. M2 destaca também, na sua visão, que o curso pode atuar como um facilitador de mais mulheres na Ciência. Convergindo com esse pensamento, M21 enfatiza que,

“O curso não só atingiu como superou minhas expectativas. As atividades e discussões ampliaram muito a minha cabeça para novas possibilidades de caminhos que posso seguir e fiquei muito feliz e grata de ter contato com mulheres que estão trilhando caminhos incríveis na ciência. Além disso, a interação com as meninas foi muito gratificante. Vê-las se envolvendo, se interessando e sonhando com outras possibilidades de futuro é inesquecível” (M21)

A fala dessa monitora sobre as meninas, provavelmente, diz respeito à participação delas, principalmente, nos encontros síncronos, onde elas podiam interagir com as cientistas palestrantes por meio de perguntas e/ou considerações. Nesse sentido, M13 destaca as perguntas elaboradas pelas meninas e os comentários que elas faziam sobre o curso:

“Foi acima das expectativas que criei, fiquei impressionada com o nível das perguntas que foram feitas pelas meninas nas rodas de conversa e também gostei muito de ver no dia que fiz a apresentação da roda de conversa, algumas meninas comentando sobre quererem seguir o mesmo ramo de estudo que eu. Durante a realização do projeto tentei me imaginar como seria se eu tivesse participando como menina ciência e com toda certeza eu iria me sentir inspirada em desbravar o mundo das pesquisas depois de ver tantas mulheres influentes” (M13).

Segundo Souza 2021 (p. 8) “é notório que a representatividade feminina nos mais diversos espaços de atuação social vem crescendo e nos Cursos de Exatas não é diferente

apesar de isso ocorrer de uma forma bem tímida”. Assim, através do comentário da M13 é possível destacar também sobre a importância da representatividade de mulheres na Ciência e o papel que cursos como o MCCM desempenham para as cursistas.

Outra reflexão que surgiu foi relacionada às múltiplas funções que as mulheres desempenham para além do âmbito científico. Para M24, a sua participação no curso atingiu as suas expectativas: “*Muito! Principalmente poder ver que é possível, sim, conciliar a vida acadêmica com a pessoal e profissional*”. Isso ocorre devido ao fato de as cientistas palestrantes do Curso MCCM “se colocaram como mães, filhas, donas de casas (...), de forma humanizada. Mulheres como quaisquer outras, mas, com alguns diferenciais, como o fato de terem seguido carreiras científicas, mesmo inseridas em contexto predominantemente masculinos” (SANTOS, *et al.*, 2022, p. 10).

Todavia, conforme destacam Silva e Ribeiro (2014, p. 460), “é importante considerar que a entrada das mulheres na ciência, necessariamente, não as tem desobrigado das responsabilidades com o cuidado da casa e filhos, já que persiste a tradicional divisão sexual do trabalho”. Ainda segundo as autoras, as mulheres pesquisadoras e que são mães precisam lidar com as exigências da carreira profissional e com as responsabilidades relacionadas à família.

Contribuições do Curso Menina Ciência - Ciência Menina na prática profissional

A participação na monitoria oportuniza às mulheres participantes, a ampliação de suas práticas, no que diz respeito sobre a discussão sobre os lugares em diversos âmbitos da ciência. “A monitoria contribui para o crescimento pessoal, profissional e coletivo do monitor, bem como através da vivência é possível desempenhar papéis relevantes que ajudam a associar os saberes técnico- científicos” (OLIVEIRA, *et al.*, 2019, p.03). Por vezes, essa relação com a monitoria desperta práticas que nem se quer eram pensadas antes dessa experiência. Como pode ser visto na fala da M 25:

Certamente, as discussões já me trouxeram uma nova prática profissional: o olhar mais atento à realidade vivida por cada professora, seu contexto profissional e pessoal, somada a sua vontade de superar os desafios para continuar em processos de formação cuja finalidade é tão pessoal quanto coletiva. As discussões mostraram que todas passamos por muitas coisas em comum, que é possível encontrar um caminho saudável para as superações e formamos um time de mulheres incríveis que batalham arduamente em todas as partes do Brasil e do mundo e o primeiro passo é nos (re)conhecermos nesta função de cientistas.

Pensar novas práticas, ou ressignificar as suas práticas, incluindo as questões de gênero na ciência, é fortuito para o desenvolvimento de uma cultura de equidade que precisa

ser construída paulatinamente. O processo de desenvolvimento da monitoria dentro do curso MCCM é uma compilação de exercícios práticos às participantes, como fica evidente na fala da M26: *“com toda a certeza, o curso foi algo muito gratificante para que eu evoluísse, tanto pessoal como profissionalmente, principalmente eu que pretendo seguir carreira como cientista, pesquisadora e educadora, juntar todas essas partes sendo monitora foi algo que eu gostei bastante”*.

Entre as funções delegadas às monitoras, participar da realização dos experimentos, e assistir às palestras das cientistas convidadas, sempre com o intuito de poder interagir com as meninas nos grupos de modo concreto, auxiliando, e dividindo ideias, dá a essas monitoras, espaço de atuação prática e metodologias de ensino que podem ser utilizadas por elas. *“Em minha própria prática profissional, me motivou e auxiliou devido às palestras apresentadas e os testemunhos das palestrantes. Nesse sentido, ver as palestrantes contando suas histórias mostrou que é possível construir uma também, além de ter me ensinado diversos tópicos de assuntos que não conhecia”* (M14).

As contribuições que essa experiência pode agregar ao fazer profissional dessas monitoras são concretas, e se estendem a questões de ruptura com práticas preconceituosas e limitantes, no que se refere à cultura excludente sobre a participação de mulheres na ciência. Inspiradas tanto por mulheres cientistas, que já trilharam uma trajetória construída na luta e que serve de representatividade às meninas participantes do curso MCCM, mas também às próprias monitoras. A monitora M12, diz que:

Penso que a experiência contribuiu na minha prática profissional devido à inspiração que todas as palestrantes geraram em mim. A dedicação delas para alcançar seus objetivos, o empoderamento, a certeza de que estão no lugar certo e a aspiração para impactar meninas que podem tê-las como exemplo a ser seguido, desencadeou em mim uma motivação maior para continuar crescendo como profissional.

Seja a nível de graduação ou pós-graduação, a vivência como monitoria no curso MCCM, se diferencia de outros formatos de monitoria acadêmica e científica. Desde a metodologia do projeto, ao formato remoto, e muito intenso através do estabelecimento de relações com as meninas cursistas e com as palestrantes, pois além do arcabouço teórico que se experiencia nessa monitoria, se alcança também os meandros da construção de um projeto de ressignificação sobre a equidade de gênero na ciência, na carreira e nas relações socioculturais.

No depoimento da M06, ela aponta a importância do projeto em diferentes esferas, a serem *“a divulgação científica, a representatividade de mulheres na ciência para as meninas e*

a formação para a prática dela, quando ela diz que: “[...] *essa experiência como monitora me ajudou a perceber mais ainda o poder da divulgação científica e da informação. Além disso, o contato com as meninas me deu mais experiência em como passar os conhecimentos*”.

Há na participação como monitora, um processo de formação que a depender do nível de conhecimento das monitoras acerca de questões de gênero na ciência, de trajetória científica, de prática com metodologias de ensino que usem experimentos como ferramenta, esse processo de formação pode ser caracterizado como inicial ou continuado. Como pode ser percebido na fala da M02: “*Atuar como monitora também foi essencial para a minha formação como futura docente e estar em contato tirando as dúvidas ou explicando para as meninas foi uma grande prática profissional*”.

O Curso Menina Ciência - Ciência Menina como fator motivador para conseguir ocupar cada vez mais espaço no âmbito científico

Essa realidade se direciona para um dos propósitos do curso, o de motivar e mostrar o quão é possível às meninas e às monitoras ocupar lugares de destaque na ciência e nas carreiras científicas enquanto mulher. Assim, o Curso MCCM age como um fator motivador às suas participantes, e mesmo às famílias dessas participantes, para a ampliação da percepção de que as mulheres podem ocupar quaisquer lugares que desejarem.

A monitora M08 disse que: “*foi muito enriquecedor conhecer tantas mulheres em muitas áreas diferentes da ciência e é muito motivador saber que é possível atingir esse patamar porque existem outras mulheres que ajudaram a abrir esse caminho*”. A diversidade de áreas alcançadas para as palestras apresentadas no curso, expande o conhecimento de todos os envolvidos no processo, e isso é enriquecedor para as meninas, que têm profundidade nessa representatividade encontrada no curso, e para as monitoras, que podem também desfrutar dessa diversidade de áreas do conhecimento e histórias de vida e trajetória profissional inspiradoras.

Dentro desse universo de inspiração e motivação, fica evidente em algumas falas das monitoras, que mesmo diante de tanta história inspiradora, ainda se fazem presentes as dificuldades e entraves para o desempenho da carreira científica para as mulheres.

Achei-o bastante proveitoso, e creio que tenha despertado a curiosidade de algumas meninas para a ciência e tenha as feito considerar seguir carreira científica no futuro. Além disso, como uma mulher ainda se inserindo no meio científico, senti-me mais motivada a seguir na área, ao ver tantas mulheres bem-sucedidas em seus respectivos meios acadêmicos, apesar das adversidades (M16).

Essa motivação decorrente do conhecimento e aproximação com mulheres que trilharam carreiras científicas, forjadas frente todas as dificuldades inerentes a esse processo,

decorrentes dos preconceitos e dificuldades atribuídas apenas pela questão de gênero a essas mulheres cientistas, também são apresentadas às monitoras e meninas participantes do curso.

Sinto que esse curso foi importante para as meninas e para as monitoras também, como estudante de ciência e tecnologia, eu penso bastante se seguirei a carreira de pesquisa ou do mercado de trabalho, mas acho que o curso formado de mulheres para mulheres foi super importante para nos mostrar que é um caminho possível e que podemos fazer ciência se nos dedicarmos a isso e acreditarmos que somos capazes. O maior aprendizado que o curso me proporcionou foi que podemos ocupar todos os lugares que almejamos, mesmo que pareça que não (M03).

Essa visão de “poder ocupar o lugar que almeja”, é relevante para todas as participantes do curso. Isso ressignifica o papel das mulheres na sociedade e abre possibilidade de realização presentes e futuras para que mais mulheres, amparadas em esforço próprio e nos caminhos que já foram desbravados por outras mulheres cientistas que vieram experimentar essa luta anteriormente, sirvam de norte às meninas e às monitoras, que já estão no processo de educação científica.

Essa experiência foi apontada como um dos melhores momentos do curso, a exemplo das rodas de conversa, onde as cientistas respondem às perguntas das meninas ciências, e falam mais sobre suas experiências e trabalhos desenvolvidos em suas respectivas áreas. Como diz M17: *“a melhor parte foi a roda de conversa, onde podemos interagir com as cientistas, com as meninas, elas são encantadoras, cheia de sonhos, dúvidas e perguntas, com certeza vão se inspirar nessas mulheres maravilhosas e para nós monitoras”*.

As monitoras relatam que é boa essa aproximação e conhecimento dessas histórias, porque gera um sentimento de não estarem sozinhas, e encontraram nessas mulheres exemplos e inspirações para seguirem seus caminhos nas áreas científicas, caminhos esses que por muito tempo foram pensados impossíveis às mulheres. M11, lembra dessa motivação e inspiração vivenciada no projeto: *“foi bom conhecer tantas mulheres incríveis. É importante saber que a caminhada nunca é fácil, mas é ótimo saber que tudo isso vale a pena, espero abrir novas possibilidades e deixar o caminho um pouco mais acolhedor para as que virão”*.

De acordo com a fala da M15; *“o curso foi maravilhoso, poder ouvir cada cientista foi único, muito especial e extremamente enriquecedor, ver onde essas mulheres incríveis chegaram é uma grande inspiração e uma chama nova que me faz querer ir cada vez mais longe para um dia ser como elas”*. As monitoras são o elo entre as cientistas e as meninas, sendo o canal de comunicação entre essas histórias inspiradoras e as receptoras que devem ser inspiradas, e isso é uma tarefa extremamente relevante, desempenhada pelas monitoras, e elas nesse processo, são também motivadas e inspiradas para desenvolverem suas carreiras científicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso Menina Ciência - Ciência Menina desempenha um importante papel em prol da equidade de gênero na Ciência, pois promove ações que incentivam a participação e a inserção de mais mulheres nas Ciências. Neste trabalho foi evidenciado como o curso é importante não só para os cursistas, mas também para as monitoras que atuam como intermediadoras, estabelecendo um contato maior com as meninas e os professores que participaram do curso em 2022. A análise dos dados mostrou que o curso MCCM contribuiu para que as monitoras pudessem fazer reflexões sobre as suas carreiras acadêmicas e atuação profissional. Além disso, segundo elas, as interações, as discussões e os contatos com as cientistas palestrantes, as encorajou a seguir carreiras no âmbito científico.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Universidade Federal do ABC pelo auxílio financeiro disponibilizado para que a autora principal pudesse apresentar o presente trabalho no IX Congresso Nacional de Educação. A autora principal agradece, também, a bolsa de fomento à pesquisa a ela concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

BARGILLOLE, B.; GOODE, J. The Contradiction of the Myth of Individual Merit, and the Reality of a Patriarchal Support System in Academic Careers. **Europ J. Women's Stud.** v. 8, ed. 2, p. 161- 180, 2001. Disponível em: [s://doi.org/10.1177/1350506801008002](https://doi.org/10.1177/1350506801008002). Acesso em: 24 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

DE AZEVEDO, C. R. L., de Farias, M. E. L., & Bezerra, C. C. (2020). Monitoria acadêmica em uma disciplina semipresencial: relato de experiência. *Research, Society and Development*, 9(4), e39942788-e39942788.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023.

NAIDEK, N.; SANTOS, Y. H.; SOARES, P.; HELLINGER, R.; HACK, T.; ORTH, E. S. Mulheres cientistas na química brasileira. **Química Nova**, v. 43, n. 6, p. 823-836, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/L8mY73ZKdMk6SVntnN8hLHt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

OLIVEIRA, G. C., SOUZA, F. P., da SILVA, E. N. (2019). Papel da monitoria na formação acadêmica: um relato de experiência. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, 2017. Disponível em: <http://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/download/367/212>. Acesso em 28 set. 2023.

PORRO, S.; ARANGO, C. A importância da perspectiva do gênero no ensino das ciências na América Latina. In: SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; AULER, Décio (Orgs.). **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 241-263.

RODRIGUES, M. I. R. O curso Menina Ciência - Ciência Menina. In: RODRIGUES, M. I. R.; ROQUE, D. R. R. (Orgs.). **Mulheres na Ciência: para além da sala de aula**. Santo André, SP: EdUFABC, 2022. p. 15-33.

ROQUE, D. R. R. Mulheres na Biologia. In: RODRIGUES, M. I. R.; ROQUE, D. R. R. (Orgs.). **Mulheres na Ciência: para além da sala de aula**. Santo André, SP: EdUFABC, 2022. p. 43-50.

SANTOS, L. R.; CRUZ, D. de C.; RODRIGUES, M. R. Análise dos relatos reflexivos na formação continuada de professores do curso Menina Ciência – Ciência Menina da UFABC. Anais **VIII CONEDU**... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88874>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciência e Educação**, Bauru, SP, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>. Acesso em: 25 out. 2023.

DE SOUSA, S. P. Sexismo e docência do ensino superior: Análise da representatividade feminina na docência dos cursos de exatas. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 6, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24219/rpi.v6i0.1732>. Acesso em 22 set. 2023.

TABAK, F. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia** Salvador: Universidade Federal da Bahia. p. 39-49. 2002.

VIOLIN, L. C.; SILVEIRA, V.; ALMEIDA, L.; SILVA, P. B. L. Pioneiras da Química no Brasil: a trajetória de três mulheres na Ciência brasileira. **Revista debates em ensino de Química**, Paraná, v. 8, n. 2, p. 423-448, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.53003/redequim.v8i3.4901>. Acesso em: 01 out. 2023.